

1406 - DESVELANDO O ENCONTRO DE CUIDADO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM COM O SER-CRIANÇA QUE CONVIVE COM AIDS

Cristiane Cardoso de Paula [\[1\]](#)
Maria da Graça Oliveira Crossetti [\[2\]](#)

Resumo

Ao refletir acerca do cuidado, em Enfermagem, ao ser-criança, percebe-se que este constitui-se existencialmente por suas vivências que resultam na maneira como se expressa no mundo em que com os outros coabita. Neste sentido, o ser-criança que convive com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) experiencia diferentes condições existenciais, dentre estas a AIDS, que exige acompanhamento de saúde e internações hospitalares, tendo, portanto, o cenário do hospital como parte do seu mundo-vida; apresenta diferentes enfrentamentos em seu existir, incluindo as atitudes de preconceito e discriminação, a perda dos pais, necessidade de adesão ao tratamento anti-retroviral para seu estar-melhor, entre outras, e desvela o modo de ser da criança que convive com AIDS que não exclui ser cuidada e respeitada em sua existencialidade. Este estudo teve como objetivo compreender o significado do cuidado para a equipe de Enfermagem de uma Unidade de Internação Pediátrica (UIP) no estar-com o ser-criança que convive com AIDS - sob o olhar da Teoria de Enfermagem Humanística de Paterson e Zderad. Configurou-se como uma investigação qualitativa com abordagem existencial fenomenológica que utiliza, como instrumento para coleta de informações, a entrevista semi-estruturada, proposta por Triviños (1987), compreendendo esta como possibilidade de encontro entre o pesquisador e, neste caso, o ser que cuida em Enfermagem, no vislumbrar do desvelamento do fenômeno do cuidado. A análise e interpretação das informações fundamentou-se no caminho metodológico proposto por Motta (1997) e Crossetti (1997) à luz da hermenêutica de Ricoeur (1978). As fases propostas por estas autoras são: leitura inicial, distanciamento, análise estrutural, identificação da metáfora e apropriação, sendo este o caminho percorrido para o desvelar do encontro de cuidado em Enfermagem com o ser-criança que convive com AIDS. O estudo se desenvolveu em uma UIP de um Hospital Universitário e teve, como informantes, quatro enfermeiros e quatro auxiliares de Enfermagem. Revelaram-se nos discursos três temas: Existencialidade do ser-criança que convive com AIDS; Expressividade do cuidado: ser, saber e fazer compartilhado; e, O vivenciar e o experienciar a facticidade do ser humano. Destaca-se a compreensão da existencialidade do ser-criança que convive com AIDS, desvelando-a como ser-no-mundo-com-o-outro; neste modo de ser, a criança é concebida como um ser-sendo, um ser acontecendo por meio do estar-com, como ser de relação consigo, com o outro e com o mundo. É neste prisma que o cuidado é desenvolvido, visto que a criança, em seu processo de vir-a-ser, torna-se mais na interação humana. Neste sentido, compreende-se que a criança que convive com AIDS não se difere das outras crianças, uma vez que a doença faz parte do seu existir, mas seu mundo-vida não se restringe a isto. Neste ínterim, o ser-criança é entendido na singularidade de suas experiências e vivências existenciais, em seu processo de crescimento e desenvolvimento. Sendo assim, o conviver com uma doença que não tem cura, o cenário do hospital como integrante do mundo da criança e a necessidade de adesão ao tratamento que possibilita o seu bem-estar, não devem ser vistos como limitações ao vivenciar da infância, mas como situações que revelam a necessidade de ajuda para o estar-melhor. Este vislumbrar do ser em sua existencialidade, transcendendo o olhar somente voltado para a doença que possui, revela uma possibilidade de autenticidade no cuidado, em Enfermagem, pois busca o ir além na procura do humano, na transação intersubjetiva. No vivenciar das relações, o ser-criança que convive com AIDS apresenta uma maneira de ser por meio de sua expressividade no mundo do cuidado, revelando-se, muitas vezes, como uma criança carente, agressiva, distante, ou ainda, com um olhar que desvela tristeza. Essa maneira de ser-com pode ser compreendida como a forma que o ser encontra de demonstrar sua necessidade do outro ou de pedir ajuda, não percebida pelo ser que cuida. Assim, faz-se importante, para cuidar do ser-criança, fazer parte do seu mundo, visando à construção de um mundo compartilhado; para isso, é essencial compreender esse ser, suas vivências e respeitá-lo em sua existencialidade. Nesse sentido, este perceber a maneira agressiva do ser, como forma de expressar uma necessidade de ajuda, é uma atitude de cuidado autêntico. A condição contrária do cuidado limita a compreensão do dito ou expresso, mas, também, a leitura da linguagem do não dito mas manifesto pelo ser, atitude que confere inautenticidade no encontro de cuidado. Isto desvela um modo de estar-com voltado à doença, sem atentar para os sentimentos e emoções, muitas vezes, velados na expressividade do outro. Para a autenticidade do encontro de cuidado entende-se que é importante estar atento ao significado expresso pela maneira de ser, não somente revelado pela fala e atitudes, mas, por exemplo, pelo silêncio. A maneira como o ser-criança, neste estudo, mostra-se diante do outro remete a sua historicidade e temporalidade, que se refere, respectivamente, às vivências e experiências do ser em seu mundo-vida e ao tempo vivido por este durante seu existir. Assim, compreende-se, que o estar-com do ser-familiar é essencial no encontro de cuidado em Enfermagem que vislumbra o estar-melhor do ser-criança. A família é compreendida como presença indispensável, considerando-se que transcende laços sanguíneos, pois o ser-criança apresenta necessidade de estar junto a eles, tendo na unidade familiar sua referência, proteção, segurança emocional, e é com essa que mantém aspectos sadios da infância. A

relação entre o ser que cuida, em Enfermagem, o ser-familiar e o ser-criança revela autenticidade no estar em com-idade, ou seja, no estar presente de maneira disponível a ajudar o outro, respeitando-o em sua existencialidade; esta maneira de ser-com-o-outro mostra-se genuína quando há reciprocidade, isto é, no momento em que um ser pede ajuda de forma verbal ou não-verbal e o outro responde, o que vai ao encontro do que Paterson e Zderad (1979) denominam de chamado e resposta. Para além, no conviver com AIDS, os pais da criança também, em sua maioria, são doentes. No encontro de cuidado com o ser-familiar que convive com AIDS, em especial o ser-mãe, percebe-se que alguns se esmeram em cuidar de seus filhos e se esquecem de seu próprio cuidado. No contexto da AIDS a adesão ao tratamento anti-retroviral é condição para o estar-melhor, juntamente com outras condições existenciais, como respeito ao ser humano, independente da doença que vivencia e aos seus direitos como ser-no-mundo-com-o-outro. Acredita-se que o cuidado, como concretude do estar-com em atitude de ajuda, revela a autenticidade da relação entre os seres humanos. Esse cuidado pode ser compreendido como um ato de vida, que refere-se ao ser para além do fazer. Nesse sentido, tem-se o estar afeto ao outro, a sensibilidade, a solicitude, o zelo pela vida, a reciprocidade, a confiança na relação, a atitude de ajuda, como características do cuidado existencial genuíno, o que resulta em momentos compartilhados dos quais emerge o sentimento de gratificação. Referente a este ser e fazer, tem-se a Enfermagem como uma disciplina inter-humana e intersubjetiva que se desenvolve no transcender apenas de uma ciência na área da saúde que envolve o saber técnico-científico e o fazer-com, sendo, portanto, uma arte que vai além do mundo objetivo, mergulhando na subjetividade, no emocional, no sentimental, no criativo por meio da com-idade estabelecida entre os seres do cuidado. Sendo assim, no encontro genuíno há a possibilidade de compartilhar de vidas e por meio dessa vivência de cuidado ao ser-criança com AIDS, o ser que cuida, em Enfermagem, experiencia o conviver com a finitude do ser, uma vez que se vê diante da morte, condição existencial finita do ser humano. Esta condição desperta sentimentos de angústia nesse ser, que pode ser compreendido como um comportamento inautêntico de não aceitação deste evento, tendo em si a compreensão de que a criança não deveria morrer. Esta compreensão reflete a atitude do ser humano que, ao vivenciar as situações no mundo e com o outro, não reflete acerca de sua finitude, ou seja, é culturalmente ensinado que a morte é um evento ruim, pois interrompe o existir do ser, não a compreendendo como parte da existência humana. Assim, não se fala acerca do processo de morrer e morte; mesmo na formação do ser que cuida, esta é uma situação experienciada que, muitas vezes, não é discutida, o que pode resultar no despreparo para cuidar o outro que vivencia tal processo. Faz-se importante reconhecer a possibilidade do cuidado autêntico mesmo no experienciar da finitude, vislumbrando a atitude de ajuda para quem a está vivenciando, bem como para a família desse ser, objetivando o estar-melhor de ambos. Compreende-se, assim, o cuidado como concretude do estar-com em atitude de ajuda, revela a autenticidade da relação entre os seres humanos, por meio do estar em presença, disponibilidade, reciprocidade, diálogo, maternagem, compaixão e finitude. O cuidado vai além da doença, pois envolve a solicitude e ética, preservando os direitos de cidadania e liberdade.

Referências Bibliográficas

- CROSSETTI, Maria da Graça Oliveira. Processo de Cuidar: uma aproximação à questão existencial na Enfermagem. Florianópolis. UFSC, 1997. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.
- MOTTA, Maria da Graça Corso da. O Ser Doente no Tríplice Mundo da Criança, Família e Hospital: uma descrição fenomenológica das mudanças existenciais. Florianópolis: UFSC, 1997. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.
- PATERSON, Josephine, ZDERAD, Loreta. Enfermería Humanística. México: Limusa, 1979.
- RICOEUR, Paul. O conflito das Interpretações. Rio de Janeiro: Linargo Editora Ltda, 1978.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Notas de Rodapé

[1] Enfermeira, mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS), docente no Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), integrante do Programa AIDS, educação e cidadania, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem e Saúde (GEPES-UFSM) e do Núcleo de Estudos de Cuidado em Enfermagem (NECE-UFRGS/HCPA). ccpaula@ibest.com.br

[2] Enfermeira, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgico da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS). Doutora em Filosofia da Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Cuidado em Enfermagem (NECE-UFRGS/HCPA).